

ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

8,5

**“MUSICA: UM RECURSO PARA A ALFABETIZAÇÃO NO TOCANTE A ESCUTA
E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO”**

ELANI DOS ANJOS LOBATO

elanilobato@hotmail.com

ORIENTADOR: Prof. ILSO FERNANDES DO CARMO

ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**“MUSICA: UM RECURSO PARA A ALFABETIZAÇÃO NO TOCANTE A ESCUTA
E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO”**

ELANI DOS ANJOS LOBATO

ORIENTADOR: Prof. ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Monografia apresentada como
exigência parcial para a obtenção do
título de Especialização em
Psicopedagogia”.*

JUINA/2011

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus e a todas as pessoas que contribuíram para efetivação desse trabalho. Aos alunos e à professora que cedeu sua sala à experiência que se propôs esta obra. Aos tutores que compartilharam com generosidade sua sabedoria e orientação as quais possibilitaram a realização do projeto.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que direta e indiretamente me apoiaram durante o decorrer de sua sistematização. Ao meu esposo que incondicionalmente esteve ao meu lado todo tempo e às minhas filhas que cederam o seu tempo para que eu conseguisse realizá-lo.

RESUMO

Este trabalho apresenta aspectos de uma pesquisa realizada com alunos alfabetizando da escola Municipal Rural Vinícius de Moraes, do distrito de Fontanillas, no município de Juína, neste estado. E objetiva analisar a influência da música (educação musical), no processo de alfabetização, o qual representa um dos requisitos para inserção social. Da mesma forma que tal processo muitas vezes não se efetiva, gerando crianças não alfabetizadas em anos/fases finais do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio. Considerando ainda, que a alfabetização para alguns, acontece de modo sofrível, pois não conseguem assimilar os aspectos essenciais para que esta se concretize. Por isso, não conseguem domínio dos sistemas de leitura e escrita, abandonando a escola, porque não aprendem. Outro motivo que nos levou à pesquisa, foi o número expressivo de crianças indígenas não alfabetizadas, com idade incompatível nas salas de alfabetização desta escola, apresentando dificuldades de aprendizagem, mas susceptíveis à ação musical. Neste contexto, observou-se de fevereiro a dezembro de 2010, tais alunos. E por meio da pesquisa-ação, de caráter interdisciplinar e abordagem qualitativa-quantitativa. Participaram do experimento cerca de 50 sujeitos divididos e organizados por faixa etária, sendo um grupo experimental e um grupo controle. Ambos com sujeitos de 06, 07 e 08 anos em cada grupo. O grupo experimental participou das aulas elaboradas com textos musicais de suas vivências, apresentados de várias maneiras favorecendo os sistemas de leitura e escrita, duas vezes por semana, num total de três horas semanais cada. O grupo de controle não participou das sessões/ aulas com textos musicais. Ao final, os dados compilados, a partir de pré e pós-testes (de nível de alfabetização, percepção musical, e desenvolvimento da criatividade) foram analisados, estatisticamente, comparando-se os resultados obtidos por cada turma. Percebendo-se que o grupo trabalhado com a metodologia de textos musicais teve desempenho bem acima do outro grupo e que as crianças chegaram mais rápido à alfabetização em detrimento das outras que não tiveram acesso à metodologia aplicada. Fato este comprovado através das produções textuais, que serviram para a confecção do portfólio com vistas à realização do estudo de caso.

Palavras-chave: música, alfabetização e letramento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I.....	09
1.0 Conceituando Música	09
1.1 Contexto Histórico – Origem da Música	09
1.2 Formação dos Sons	10
1.3 Propriedades do Som	12
1.4 Conceitos Básicos da Música	13
1.5 Gêneros Musicais	13
CAPÍTULO II	15
2.0 Conceituando Alfabetização	15
2.1 Métodos/Níveis, e Processos de Escrita	15
2.1.1 Método Sintético	16
2.1.2 Método Analítico	16
2.1.3 Método Eclético	16
2.2 Níveis para a Alfabetização	17
2.2.1 Nível 01: Processo Pré-Silábico	17
2.2.2 Nível 02: Processo Silábico	18
2.2.3 Nível 03: Processo Silábico-Alfabético	19
2.2.4 Nível 04: Processo Alfabético	19
CAPÍTULO III	21
3.0 Música: Um recurso para Alfabetização, no tocante a escuta e interpretação de texto	21
CAPÍTULO IV	25
4.0 Conceituando Letramento	25
4.1 Alfabetizando com música: Um recurso para o Letramento	26
4.2 A Música como Recurso a compreensão de Textos	26
CAPÍTULO V	28
5.0 Observação Prática	28
5.1 Quanto ao Procedimento	28
5.2 Impressões	29
5.3 Recursos Multimeios e Didático-Pedagógicos utilizados “In Loco”	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
----------------------------------	----

INTRODUÇÃO

Nossos alunos hoje têm inúmeras dificuldades em relação aos sistemas de leitura e escrita. Compreensão de texto (INTERPRETAÇÃO), dificuldades ortográficas, domínio da leitura, organização textual (COERÊNCIA E COESÃO), não fazem argumentação oral e entre outros.

Uns lêem o mundo a sua volta, outros nem isso, alguns não detém a leitura convencional sistematizada, e ainda outros, não conseguem se desenvolver eficientemente em contextos sociais dentro e fora da escola por não serem leitores. Detentores de habilidades interpretativas e produtivas advindas da leitura.

Verificando que tais dificuldades que envolvem a compreensão textual, o registro ortograficamente correto e a organização textual, entre outras são originadas na má alfabetização ou quem sabe da falta dela e do letramento. Os quais são responsáveis pela construção do conhecimento efetivo, produtor de novos saberes e garantidor de competências básicas aos sistemas de leitura e escrita.

Compreendendo então que a leitura e a escrita são processos distintos, mas que estão intrinsecamente ligados e que um não sobrevive sem o outro, por isso; se pretende, apontar como via de aprendizagem a produção de leituras e escritas a partir de textos musicalizados. Porém, acreditamos que a leitura precede à escrita, como também que escritores competentes são exímios leitores, assim vimos na música um caminho que viabilize essas práticas.

Percebendo ainda que, nossos alunos são em maioria, meros decodificadores e não leitores, pois não conseguem entender o que leu nem perceber o que está subjacente no texto, não fazem intextualidade, nem identificam informações explícitas ou implícitas em textos verbais e não-verbais. Como também apresentam problemas em construir argumentações oral e escrita. Por conta de uma alfabetização sem qualidade, que os deixou no patamar da decodificação e o que é pior, alienados, pois não conseguem ir além da má formação.

O trabalho pedagógico de alfabetização pode se dá de muitas maneiras como por exemplo, por meio da oralidade e das múltiplas linguagens, inclusive a musical que desde a educação infantil deve fazer parte do letramento da criança.

Então, objetivamos com esse projeto, apontar e criar ações que possibilitem a alfabetização e o letramento dos alunos produzindo a formação de leitores autônomos.

Nesse sentido, buscou-se proporcionar aos alunos situações reais e significativas que os levassem a construir sua autonomia enquanto leitores. Pensando nisso, apontamos como caminho, a música como um recurso para a alfabetização, no tocante a escuta, compreensão, análise, registro e interpretação de texto.

Entendendo que o papel da escola é produzir situações capazes de desenvolver habilidades que favoreçam à alfabetização e ao letramento do aluno; tornando-o um leitor/escritor competente e conseqüentemente um bom leitor de mundo. É que esse trabalho se dispõe a comprovação por meio de sistematizações teóricas e práticas voltadas para a alfabetização por meio de textos musicais com os alunos da 1ª Fase do 1º Ciclo, na Escola Municipal Rural Vinícius de Moraes, localizada no distrito de Fontanillas, no município de Juína, neste estado. Usando ainda em seu contexto, textos na língua indígena rikbaktsa, por ter também em seu elenco alunos alfabetizando dessa etnia.

Para isso far-se-á um estudo detido do conceito de música, sua origem, como se dão à formação do som e suas propriedades, serão conhecidos os gêneros e as notas musicais. Buscando-se ainda, conceituar alfabetização e letramento para entender seus métodos e processos, os níveis de escrita que o aluno passa, visando construir o caminho para a elaboração das aulas por meio de atividades significativas cujo objetivo seja verificar se a música é um instrumento efetivo para a alfabetização dos alunos. Finalizando, sistematizaremos a observação prática, registrando as impressões do trabalho realizado em dentro e fora da sala de aula com os alunos, dos dois grupos distintos, com base na pesquisa-ação, nas produções dos alunos organizadas em portfólio e nos resultados obtidos.

1. 0 - CONCEITUANDO MÚSICA:

MÚSICA

O QUE É MÚSICA? Segundo FERREIRA (1999), é a representação artística extraída por meios de sons.

SALES (2008), afirma que a música possui em sua formação, três elementos estruturais que são:

- MELODIA
- HARMONIA
- RITIMO

MELODIA: É caracterizada por sons sucessivos, ou seja, um após o outro. É representado pela linha melódica principal.

HARMONIA: É caracterizada por sons simultâneos, ou seja, tempo. É representado por acordes.

RITMO: É caracterizado pela duração dos sons, ou seja, tempo musical em que o som permanece soando. É representado pela pulsação.

1.1- CONTEXTO HISTÓRICO – ORIGEM DA MÚSICA

A palavra música deriva de “arte das musas”, em uma referência à mitologia grega, que descreve sua origem.

A palavra grega – MOUSIKOS - musical, relativo às musas - referia-se ao vínculo do espírito humano, com qualquer forma de inspiração artística. Música é a arte de coordenar fenômenos acústicos para produzir efeitos estéticos. Em seus efeitos mais simples e primitivos a música é a manifestação folclórica comum a todas as culturas: nesse caso, essencialmente anônima e aprovada na transmissão oral, espelha particularidades étnicas determinadas. A linguagem da música parece ter estado sempre presente na vida dos seres humanos, fazendo parte da educação de crianças e adultos. Na Grécia, a música era considerada fator fundamental na formação dos cidadãos, tanto quanto a filosofia e a matemática, e esse ensino começava na infância. (MAGANHA, 2005, p. 01)

Conta à lenda que, quando os deuses do Olimpo venceram uma guerra contra os Titãs (os seis filhos de Urano: Oceano, Ceos, Crio, Hiperião, Jápeto e Crono), eles pediram a Zeus que criasse seres para cantar essas vitórias. Da união de Zeus com Mnemosina, a deusa da memória, nasceram 9 musas, entre elas Euterpe (a música) e Aede ou Arché (o canto).

Mas, além do que relata a mitologia, há outra versão para o surgimento da música. Mais do que um fenômeno acústico, ela é uma manifestação folclórica presente em quase todas as culturas. No início de produção anônima e com transmissão oral, ela retratava as características de cada etnia.

A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. [...] A música é uma forma de se comunicar e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, através da organização e relacionamento expressivo dado entre o som e o silêncio (BEBER, 2009, p.16).

Muitos estudiosos julgam que a música tenha surgido na Pré-história. Embora não haja vestígios arqueológicos a respeito da música dos homens das cavernas, segundo BEBER (2009), acredita-se que eles a produziram em caráter religioso, ritualístico, batendo as mãos e os pés, com um ritmo definido, como forma de comunicação com os deuses em agradecimento ou pedido de proteção. Em seguida passaram a bater na madeira em som ritmado, criando o primeiro instrumento de percussão.

Com esse sentido, (Ibid, p.16) a música se desenvolveu e se transformou junto com o homem e a sociedade. Com o fim do isolamento dos povos, a evolução da civilização e a globalização se tornaram cada vez mais universal e popular. Nasceram diversos instrumentos, ritmos e gêneros, num processo lento e gradual, onde os estilos evoluem, mesclam-se ou sobrepõe-se.

No Brasil, segundo TINHORÃO (1998), a evolução dos ritmos primitivos deu origem a ritmos como o cateretê e o cantochão, ainda hoje muito populares.

Para TINHORÃO (1998), no final do século XVII, a música brasileira se fortaleceu com as influências africanas e portuguesa com o lundu e a modinha, respectivamente. Da combinação das duas, surgiram formas variadas de expressões musicais, que, por sua vez, também sofreram outras influências. Assim a música brasileira foi se transformando, evoluindo e recebendo contribuições de diversos povos até chegar à música popular dos dias de hoje

1. 2 - FORMAÇÃO DOS SONS

Não se pode “imaginar um mundo sem som e, se pararmos para analisar”, pois “quase todos os sons que ouvimos durante dia-a-dia, são como instrumentos musicais tocando alguma melodia”, e isso vai desde os “pingos de uma torneira, os trovões, a chuva, as cigarras cantando lá fora, o

arrastar de um chinelo ao andar, as ondas do mar explodindo na praia e tantos outros. (SANTOS, 1997).

O QUE É SOM? É, segundo SANTOS (1997), a resultante do movimento de corpos vibratórios, é o efeito produzido a partir do choque de dois corpos.

PARA OBTER UM SOM: É preciso a utilização de uma fonte sonora, ou seja, um corpo que vibra e produz som. No caso dos instrumentos musicais, SALES (2008), afirma que há três tipos de fontes sonoras:

CORDA:

- Violão
- Guitarra
- Baixo
- Violino
- Piano, etc...

COLUNA DE AR:

- Sax
- Trompete
- Flauta
- Clarinete, etc....

MEMBRANA:

- Caixa
- Tamborim
- Pandeiro
- Cuíca, etc...

[...] A unidade utilizada para descrever o som em nomenclatura física é o Hz (hertz). Se as ondas tiverem frequência de 20Hz a 20.000Hz, o ouvido humano as receberá vibrando na mesma frequência, produzindo sensações neurais, a que damos o nome de som. Estas sensações podem variar de acordo com a faixa de frequência captada. Quando a frequência é inferior a esse valor, entre 20Hz a 100Hz, por exemplo, o som é registrado pelos ouvidos como grave, e quando a frequência é elevada (acima de 400Hz, por exemplo), ele soa de forma aguda. As frequências propagam-se em um determinado intervalo de tempo e podem ser mais longas ou mais curtas, o que determina sua duração. (CHAGAS, 2009, p.01)

Quando produzimos um som a partir de, por exemplo, uma corda (talvez de um violão), pode-se perceber que esta se movimentará de um lado para o outro e será como um “X” o número de movimentos por segundo. Este movimento terá o

nome de vibração e será medido em ciclos por segundo. A esta unidade de medida, segundo CHAGAS (2009), se dá o nome de HERTZ – HZ.

Quanto maior for o número de vibrações por segundo, de acordo com SALES (2008), mais agudo será o som. O nosso ouvido é capaz de captar sons que aproximadamente vinte Hertz (20 HZ) a 18 MIL HZ. Os sons fundamentais são de aproximadamente, 32 (trinta e dois) HZ a quatro mil HZ. Acima dos quatro mil HZ se encontram os harmônicos agudos que enriquecem o som dos instrumentos, quanto ao timbre.

1.3 - PROPRIEDADES DO SOM

O processo de criação de uma composição é conduzido pela intenção do compositor a partir de um projeto musical. Entre os sons da voz, do meio ambiente, de instrumentos conhecidos, de outros materiais sonoros ou obtidos eletronicamente, o compositor pode escolher um deles, considerar seus parâmetros básicos (duração, altura, timbre e intensidade), juntá-lo com outros sons e silêncios construindo elementos de várias outras ordens e organizar tudo de maneira a constituir uma sintaxe. (BRASIL, 2001, p.75)

Os sons que conhecemos, tanto na natureza quanto na música, possuem, segundo SALES (2008), quatro propriedades físicas inerentes. Que são elas:

- **ALTURA:** É a propriedade do som que torna capaz de ser grave, médio ou agudo. Quando mais grave dizemos que o som está baixo quanto mais agudo, dizemos que está mais alto. Não devemos, no entanto, fazer confusão com a intensidade do som que como veremos adiante, trata-se por forte e fraco e não alto e baixo.
- **INTENSIDADE:** Esta propriedade é caracterizada pela amplitude da vibração, ou seja, volume sonoro. A intensidade do som pode ser forte ou fraco e não alto e baixo como é de costume dizer. Portanto quando tocamos, por exemplo, a corda de um violão com bastante força tem um som de intensidade (volume) forte, já quando tocamos a mesma corda de violão com pouca força, temos um som de intensidade (volume) mais fraco.
- **TIMBRE:** Representa a personalidade do som. Esta propriedade nos permite reconhecer sua origem. É em função do Timbre que, por Exemplo, podemos identificar diferentes vozes ou diferentes instrumentos musicais e etc....

- **DURAÇÃO:** Esta propriedade do som caracteriza o tempo que o som permanece propagando. De acordo com o tempo que se prolongam, os sons são considerados mais longos ou mais curtos.

1.4 - CONCEITOS BÁSICOS DA MÚSICA

Em nossa música temos 12 sons musicais diferentes: 07 sons são chamados de notas naturais. 05 sons são chamados acidentes musicais.

“Em nossa música temos 12 sons que são chamados de SEMITOM. O semitom é o menor intervalo possível entre dois sons musicais.” (SALES, 2008, p.12).

As notas musicais são conhecidas como: **DÓ - RÉ - MÍ - FÁ - SOL - LÁ - SÍ.** Porém, o que são notas musicais? Nota musical, segundo SALES (2008), é o nome que se dá a cada elemento que compõe o som. Formada por um único modo de vibração do ar, cada nota tem uma duração e uma frequência diferente.

Quando vemos as notas dispostas numa pauta, elas não estão lá casualmente. A posição que cada uma delas ocupa representa a sua altura.

Para BENNETT (1998), a combinação de notas, é o que produz a arte da música. Quando elas são tocadas ao mesmo tempo, produzem a harmonia. Já a sequência com que são tocadas define a melodia.

Pensando em música como um veículo para auxiliar a alfabetização de crianças, é indispensável que se pense no conceito de alfabetização já que música já foi definido.

1.5 - GÊNEROS MUSICAIS

São, segundo SALES (2008), diferentes tipos de músicas, definindo pela sua função, pela forma de interpretação e pela procedência.

Assim, segundo FERREIRA (2003), de acordo com a função, temos as músicas sacras, que se relacionam aos cultos e às cerimônias religiosas; as demais são chamadas de músicas profanas.

Quando interpretadas somente com a voz, (FERREIRA (2003,,p.5), chamamos de música vocal; quando tocadas com instrumentos, chamamos de música instrumental.

Músicas eruditas, são aquelas que vêm da tradição européia, cuja produção requer uma formação específica. A música popular, ao contrário, é aquela que contempla os vários estilos e formas da cultura popular.

Ao longo do tempo, (FERREIRA (2003p.5), surgiram diferentes conceitos para o significado de música. O mais comum é aquele que define música como a combinação de sons agradáveis aos nossos ouvidos. Mais tarde, ser ou não agradável aos ouvidos deixou de ser uma premissa, pelo caráter subjetivo de atribuição de valor ao que agrada aos ouvidos; então, música passa a ser definida como qualquer conjunto de sons.

O caráter generalizador deste conselho abre questões como intenção (ser música) e sistemas de signos (Códigos), elementos que caracterizam uma linguagem.

Como linguagem, a música são todas as formas organizadas intencionalmente, de signos sonoros (notas musicais e/ou ruídos) e silêncios.

A articulação da linguagem a priori, não sai do plano da função normativa. No que tange à semântica, neste primeiro estágio só há uma referência objetiva, a significação é aleatória, independe da nomeação e o significado da palavra em si não é um dado concreto, pois a tônica não é esta, neste momento. (Revista Brasileira de Letras, 1999, p. 46).

Para VYGOTSKY (1989), só quando este desenvolvimento se completa é que a criança se torna de fato capaz de formular seu próprio pensamento e de compreender a fala dos outros.

A música independentemente de estilos, ritmos ou de quem seja o intérprete, têm feito parte do contexto o histórico da humanidade. Esta se encontra inserida em todos os povos, línguas e nações. É em sua essência, marca definitiva no dia-a-dia dos homens.

CAPÍTULO II

2.0 -CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO

“Alfabetização [de alfabetizar + ação] S.F. Ação de alfabetizar [de alfabeto + izar] V.t.d. 1. Ensinar a ler [...] 2. Dar instrução primária a. P. 3. Aprender a ler por si mesmo [...]”. (FERREIRA, 1999, p.93).

É interessante que as definições dadas para alfabetização/alfabetizar nada falam sobre o ato de escrever, e sim, somente o de ler. Mas mesmo que falasse o ato de ler não é suficiente para a compreensão de diversos gêneros textuais nem para compreender a sociedade. Compreender textos vai além de alfabetização. A idéia de alfabetização está ligada diretamente com o estado de se saber ler e escrever para muitos. FERREIRA (2003), explica que o conceito de alfabetização muda de acordo com as épocas, as culturas, a chegada das tecnologias e demais inovações, tornando-se por isso, necessário que o professor esteja aberto as mudanças que ocorrem em seu tempo. O acompanhamento das mudanças exige do alfabetizador novas formas de tornar eficaz e prazeroso o processo de alfabetização.

A alfabetização é um processo e não um produto.

Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, ensinar a reconhecer os símbolos gráficos da linguagem verbal. Ser alfabetizado significa reconhecer e compreender esses símbolos e ser capaz de com eles produzir mensagens compreensíveis para outros alfabetizados, melhorando desse modo a comunicação entre os sujeitos e incrementando, conseqüentemente, o seu nível e qualidade de vida. Porém, essa alfabetização cedo se revelou, de algum modo, uma falácia no que respeita às intenções supracitadas. Ensinou-se a ler e a escrever mas de uma forma de tal modo elementar e instrumental que essa nova competência das populações se tornou, não raramente, num veículo de dominação política ou comercial e consumista. Não havendo uma alfabetização universal e neutral, o contraste entre os diferentes tipos e níveis de alfabetização converte-se numa diferenciação/oposição social entre os que detêm e controlam certo domínio do saber e os que dele carecem. (SILVA, 2007 - p.4)

2.1 MÉTODOS/NÍVEIS, E PROCESSOS DE ESCRITA

As metodologias tradicionais de alfabetização são concebidas como propostas técnicas de ensino a partir daquilo que adultos consideram necessário para que uma criança possa ler e escrever. Tais métodos, segundo CESCA (2003), se pautam em:

2.1.1 MÉTODO SINTÉTICO

CESCA (2003), afirma que o método sintético, baseia-se no pressuposto de que a compreensão do sistema de escrita faz-se sintetizando, juntando as unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita.

De acordo com CESCA (2003), o método sintético, parte de letras ou sons (fonemas) que são combinados formando sílabas, depois palavras e por fim frases. Nesta marcha estão os métodos:

Silábico → sílaba

Alfabeto → soletração

Fonético → som

Letras ou Fonemas → sílabas → palavras → frases

2.1.2 MÉTODO ANALÍTICO

Ao discorrer sobre o método analítico, CESCA (2003), considera que este método surgiu em oposição ao método sintético e concebe a leitura como um ato global e videovisual, parte das unidades maiores para as menores, do todo para as partes, através da análise e decomposição.

O método analítico, segundo CESCA (2003), parte de textos ou frases que serão decompostos em palavras e estas em sílabas. Nesta linha, encontramos os métodos:

Global → frase → palavras → sílabas

Natural → texto conhecido pela criança (música, verso, parlenda e outros) → frase → palavra → sílaba.

2.1.3 MÉTODO ECLÉTICO

Surge no Brasil, em 1920, o método eclético, que visava comungar as descobertas advindas dos estudos relativos aos métodos anteriormente referidos. Este foi considerado uma grande descoberta no campo metodológico, uma vez que se utiliza da análise e síntese ao contrario dos outros métodos sintéticos e analíticos. CESCA (2003), afirma que este é considerado global, porque parte de um todo, mas

segue os passos do método sintético: som, sílabas, palavras, frase, concilia todos os processos, estabelecendo a liberdade de escolha do método de ensino de leitura e escrita.

2.2. NÍVEIS PARA A ALFABETIZAÇÃO

Os níveis de hipóteses de escrita, conforme FRANCHI (1991), são:

- Pré-Silábico;
- Silábico;
- Silábico-Alfabético e
- Alfabético.

2.2.1 NÍVEL 01: PROCESSO PRÉ-SILÁBICO

Escrever, segundo FRANCHI (1991), é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da escrita:

- Imitam a escrita rápida dos adultos (imprensa ou cursiva);
- primeiros rabiscos mostram que ainda não descobriu as unidades discretas da escrita;
- tendência a um alinhamento horizontal.

Estrutura-se, pela tentativa de escrita aplicada letras aleatoriamente sem que haja ligação entre sinal gráfico e fonema.

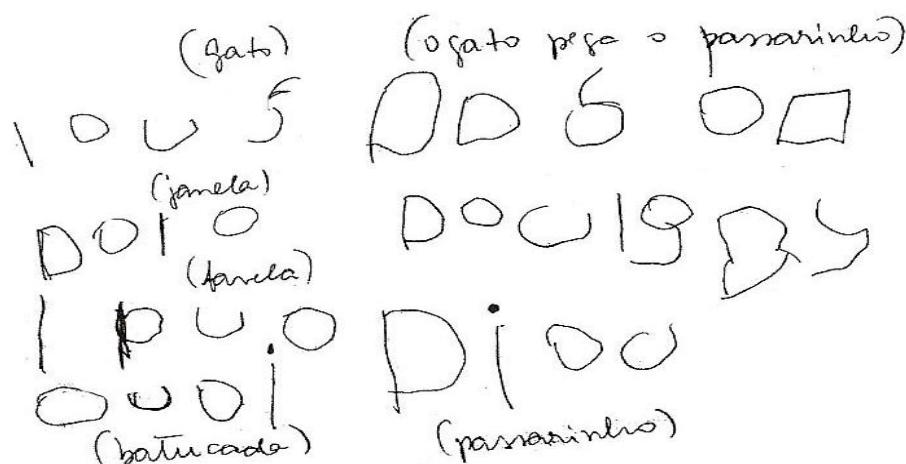


FIGURA 01: Hipótese de escrita pré-silábica
FONTE: REVISTA (2011).

2.2.2 NÍVEL 02: PROCESSO SILÁBICO

Para poder ler coisas diferentes, segundo RIBEIRO (1999), deve haver uma diferença objetiva nas escritas:

- a) Hipótese de qualidade mínima (menos de 3 não é legível);
- b) Hipótese da variedade (caracteres iguais não são legíveis);
- c) Variação nas opções (inter-figural)
- d) Escritas fixas (caracteres iguais e escritos na mesma ordem – não há variações nas opções).

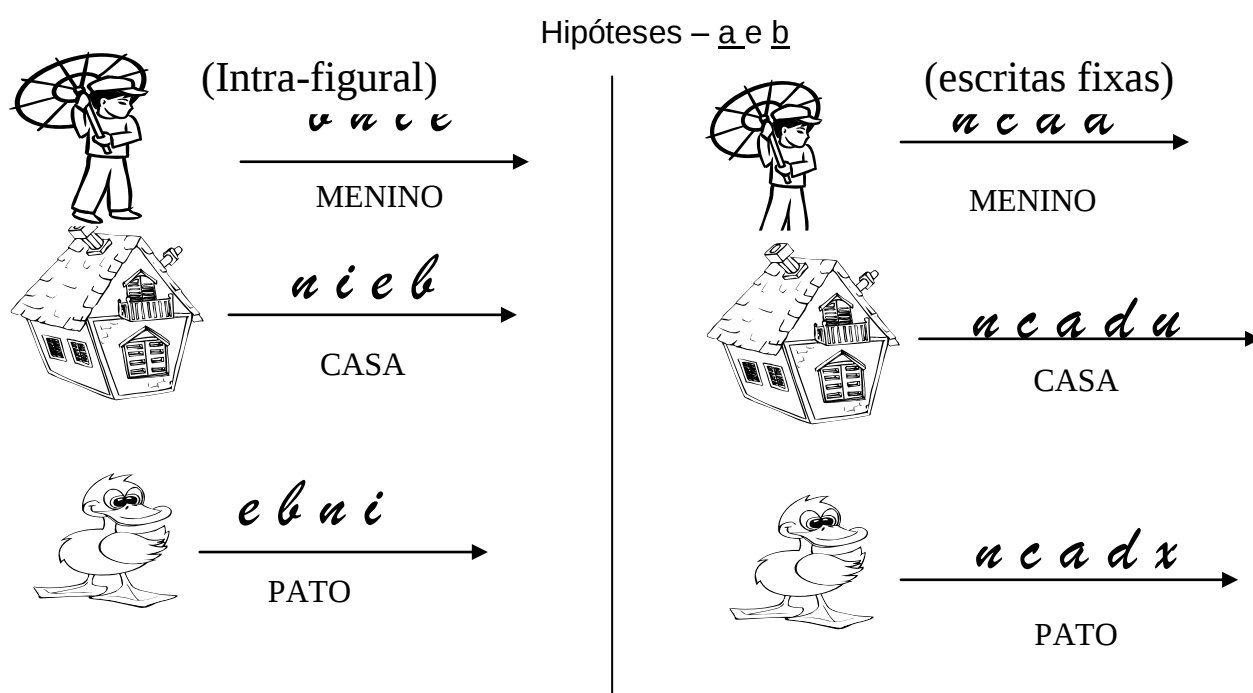


FIGURA 02: Hipóteses de escrita
FONTE: RIBEIRO (1999).

RIBEIRO (1999), diz que o segundo nível, o silábico, consiste na organização de uma hipótese central: a criança compreende que para ler “coisas” diferentes, deve escrevê-las de formas diferentes; há uma maior preocupação em fazer correspondência com o número de letras e o número de sílabas. Podemos evidenciar nesta fase os grafismos mais definidos, mais próximos ao das letras. Nesta etapa a criança cria uma representação silábica contendo ou não valor sonoro convencional, fonetização da escrita. Com o desenvolvimento deste processo a criança passa a ser capaz de ler palavras regulares, mas perde a habilidade de ler certas palavras irregulares, o que antes era feito com destreza desde que fossem frequentemente encontrados. Nesta fase a criança deixa de representar analiticamente o referente e passa a representar o nome falado daquele referente. A

palavra escrita deixa de ser tratada como desenho, e surge o conhecimento da relação entre fala e a escrita.

2.2.3 NÍVEL 03: PROCESSO SILÁBICO-ALFABÉTICO

Silábico- Alfabético é um momento conflitante, pois, segundo RIBEIRO (1999), a criança precisa negar a lógica do nível silábico. É quando o valor sonoro torna-se imperioso, e a criança começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba. Por exemplo:

TOAT (TOMATE);

PIOC: (PIPOCA);

SPTO: (SAPATO) e

BONC: (BONECA).

Para RIBEIRO (1999), o terceiro nível: silábico-alfabético, é marcado pelo período em que a criança descobre que a sílaba não é mais considerada como uma unidade, mas pode ser segmentada em unidades menores, onde uma letra não substitui uma sílaba e que também não pode acrescentar letras a estas, porém o fonema não corresponde necessariamente ao grafema correspondente.

2.2.4 NÍVEL 04: PROCESSO ALFABÉTICO

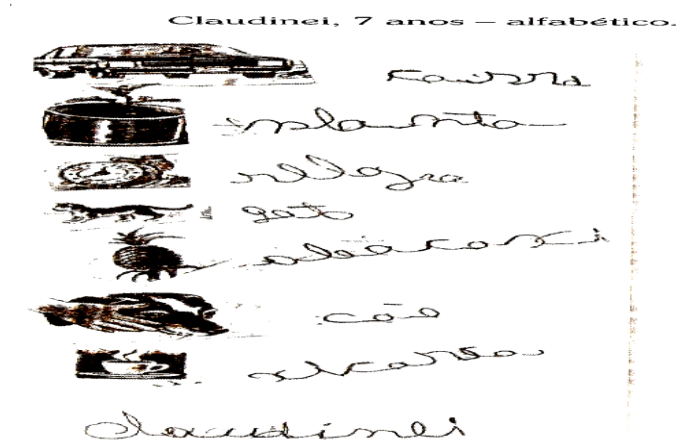


FIGURA 02: A Construção da Escrita Alfabética

Fonte: RIBEIRO (1999, p 32).

No quarto nível, segundo FRANCHI (1991), alfabético, a criança dá início a uma escrita mais regular e regida pelos princípios alfabéticos, além da consciência fonológica, que antes era focada na palavra e mais tarde na sílaba agora de

concentra ao nível dos fonemas, se tornando um processo mais analítico e não automático.

Nesta nova metodologia, a alfabetização deixa de ser concebida nos moldes tradicionais e passa ao sócio-interacionismo, com base em FERREIRO (2001) e outros autores que consideram as concepções espontâneas de escrita das crianças que ao ter contato com papel e lápis se expressam ao elaborarem o pensamento produzindo a escrita de acordo com o nível da hipótese em que se encontra no momento.

No entanto, segundo RIBEIRO (1999), a evolução da escrita dar-se à medida que a criança vai compreendendo novos símbolos e assimilando novos códigos e significados. Para isso, a leitura e a escrita precisam ocupar parte das atividades diárias propostas aos alunos, as quais devem vir intencionalmente carregada de situações significativas.

Para FERREIRO (2001), alfabetizar é um complexo processo conceitual (não apenas perceptivo). As crianças precisam compreender para que servem os sinais da escritura (letras, sinais de pontuação, separabilidade) e de que modo eles se articulam no tecido da escrita.

FERREIRO e TEBEROSKY (1999), afirmam que as tentativas de escritas das crianças não devem ser consideradas como erro. O professor alfabetizador precisa conhecer seus alunos e a todo instante, na sala de aula, acompanhar e verificar os avanços gradativos que acontecem quando estes em situações significativas de aprendizagem vão tentando hipoteticamente escrever.

Segundo as autoras acima supracitadas, o ato de compreender a natureza do sistema de escrita e sua função suscita problemas fundamentais, ao lado dos quais a discriminação das formas, seu traçado, a capacidade de acompanhar um texto com os olhos, etc, são secundários. As crianças precisam entrar diretamente em contato com a escrita. Nesse sentido, se aprende a escrever escrevendo.

CAPÍTULO III

3.0 MÚSICA: UM RECURSO PARA A ALFABETIZAÇÃO, NO TOCANTE A ESCUTA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.

A aquisição da linguagem pela criança, segundo SNYDERS (1992), se dá a partir de interação com os outros. A linguagem propriamente dita é uma atividade de construção que se estrutura paulatinamente à medida que as relações vão se efetivando.

Numa amplitude de recursos válidos, PFÜTZENRENTNER (1999), afirma que a música é um valioso meio que colabora para o desenvolvimento da linguagem e conseqüentemente operam na reestruturação processual do desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano.

“A criança que tem a oportunidade de fazer experiências musicais amplia sua forma de expressão e de entendimento do mundo em que vive.” (PFÜTZENRENTNER, 1999, p. 5).

Nesse sentido, a música se efetiva como expressão e comunicação dos indivíduos: interpretação, improvisação e composição. Apreciação significativa em música: escuta envolvimento e compreensão da linguagem musical (os elementos fundamentais da linguagem musical, estilos formas de interpretação).

A música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo (os produtores, épocas e produtos em conexões, a diversidade da produção musical regional, nacional e mundial em diferentes culturas e momentos históricos, a música na sociedade, compositores intérpretes, outros profissionais e suas formas de preservação e divulgação). A vida adulta em um contexto prazeroso que se incorpora à medida que a criança internaliza significados que são despertados pelo uso da musicalidade. *“A música é uma arte que pode atingir de forma integral ser humano.”* (PFÜTZENRENTNER, 1999, p.7). A criança nos primeiros seis anos de vida, está aberta para o conhecimento, assim como a luz do sol está para a vida. O gosto pela descoberta, pelo novo é sentido pelo desejo de aprender, os "por quês" são instrumentos que dão abertura ao saber.

Neste sentido, para SNYDERS (1992), a música evidencia-se como excelente recurso estimulador para o desenvolvimento da compreensão da linguagem escrita e falada. Porque se revela um instrumento para uso e significação

da palavra. Alfabetizar usando os próprios textos das músicas de uma experiência válida, que parte da memorização à descoberta da palavra si. A medida que a criança canta a palavra e a persegue escrita, vai se revelando em sua mente seu significado, quando esta articula som e sinal gráfico, pois, agora fez sentido o que canta com o que está escrito. Trabalhando assim simultaneamente o sistema de escrita, de leitura e de criatividade. Todos esses estimuladas pela musicalidade.

O uso da música em escolas como auxiliar no desenvolvimento do infantil, tem revelado sua importância e singular, pois as crianças, através de canções, vive, e o meio circundando e cresce, ao ponto de vista emocional, afetivo e cognitivo; cria e recria situações que ficarão gravadas em sua memória e que poderão ser relativizadas quando adultos. (PFÜTZENRENTER, 1999, p. 5).

Para PFÜTZENRENTER (1999), a linguagem musical, presente desde a tenra idade faz uma abertura excelente na cognição da criança. Esta ao chegar à escola e encontrar um ambiente também musicalizado soma-se com os conjuntos de meios que colaboraram para a conservação de habilidades perceptivas da criança. Isso porque a música trabalha o desenvolvimento do seu processo de comunicação e expressão.

Por meio de orientação pedagógica, segundo SILVA (2005), quando se articula a alfabetização, utilizando os textos das músicas cantadas pelas crianças, a interpretação destes textos se dá pelo pensar no que diz a mensagem do texto. A criança incorpora seu significado de forma prazerosa, porque se sente parte do contexto. Para isso é necessário que se coloquem à disposição das crianças os textos apresentados de forma lúdica ilustrada, "bonitas" de se ver, ouvir. Precisa ser atraente e estimulante.

Na atualidade a música tem um papel importante na vida dos seres humanos. Vários meios de comunicação, de acordo com SILVA (2007), há muito tempo já perceberam esta importância e a explora dentro de um contexto comercial. A escola em si anda caminhando em passos lentos e aos poucos vai se dando conta desse valioso recurso lúdico.

As crianças em suas atitudes espontâneas revelam-se grandes receptoras desse meio por que não explorá-lo para facilitar a compreensão de textos e para o desenvolvimento da aprendizagem? A música dentro da escola, por seu caráter lúdico e desafiador, segundo PONTES (2008), propicia oportunidades as crianças a

compreensão dos assuntos mais complexos, pois ao alfabetizá-las usando este recurso, as coloca, a todo instante numa atmosfera, reflexiva, integradora prazerosa.

... num trabalho efetivo de Musicalização os exercícios aplicados propiciam oportunidades às crianças de adquirirem condições de maturidade que lhes favoreçam o aprendizado de novos conhecimentos e a incorporação de salutareis hábitos e atitudes. (FERREIRA, 2003, p. 47).

O maravilhoso mundo da música e dos sons, segundo FERREIRA (2003), produz na criança a leveza de perceber a vida de forma integrada e bela; a superar adversidades; a integrar-se. Música provoca disciplina, reflexão, criatividade, transformação na, sentimento de empatia e probidade. Música é arte e todo artista percebe a vida de forma afetiva e humana. Música mexe com o âmago do homem. Transporta-o à paz e à vontade de ser feliz. Trabalha a emoção e leva o homem a sentir seu semelhante de forma mais igual. Aquieta o espírito e multiplica a vontade de buscar a alegria de viver.

Toda vez que um homem reconheceu o belo ele cantou. Com a música, as condutas da criança são profundamente modificadas. Ela pode fertilizar a liberdade, a criatividade e a ruptura com as velhas formas educacionais.

O educador que pretende trabalhar no desenvolvimento de seus alunos através da música deverá proporcionar atividades em que a criança possa ouvir escutar, perceber, descobrir, imitar, repetir os sons, enfim encorajar atividades relacionadas com a descoberta e com a criação de novas formas de expressão. (SOUZA, 2005, p. 47).

Nas muitas linguagens que podem circundar a criança, segundo SNYDERS (1992), a musical precisa ser trabalhada de tal forma que proporcionem momentos de descanso ou de interiorização. A escola que considera a música como um dos recursos para se trabalhar aprendizagem de seus alunos, deve abrir espaço para que o aluno se expresse de forma espontânea contextualizada.

É importante que se ofereçam obras que possam ser significativas nas atividades de produção e interpretação de textos. As composições, improvisações e interpretações são, para SALES (2008), elementos inerentes da música. Ela desperta a criatividade do aluno e da coesão a seu amplo mundo que converge para a estruturação do seu cognitivo. Esse conhecimento se solidifica a medida que a visão e percepção do aluno é trabalhada de forma que ele sinta a necessidade de aprender.

Cultivar o hábito de ouvir música é trabalhar a percepção auditiva da criança. É necessário despertar progressivamente a sensibilidade musical da criança,

segundo SNYDERS (1992), levando-a a sentir e interiorizar os elementos básicos da linguagem musical que são: melodia, ritmo, timbre, intensidade, andamento. Isso se dará por meio da audição musical articulada com a expressão verbal. É importante que a criança não ouça passivamente, mas deverá atentar para o movimento rítmico ou melódico do trecho musical. Necessário é que a criança perceba a sintonia entre os instrumentos e a voz. Na sequência revele a compreensão por meio de gestos, palavras ou até mesmo desenhos. Para isso o professor deve dispor de tempo e deve preparar o ambiente e os alunos para esse momento do "escutar". Tempo e espaço são fundamentais, nesta arte de despertar para ouvi-lo.

Para Vera Regina Pilla Cauduro (1992), o procedimento mais adequado de audição dirigida nesta modalidade, é o seguinte:

- Ouvir a música em silêncio de preferência com os olhos fechados, imaginando a cena o personagem que ela sugere, apoiados na "pista" fornecida pelo professor. Por exemplo, "estamos numa loja de brinquedos"... "estamos num parque de diversões". Em que brinquedo você vai andar? (conforme a sugestão musical).
- Ouvir o mesmo trecho musical e, paralelamente, expressar a característica melódica ou rítmica que captou:
 - a) Corporalmente - através da dança, dos movimentos livres, espontâneos e expressivos; dos deslocamentos espaciais;
 - b) Plasticamente - através do desenho: figurativo e descritivo (num primeiro estágio do trabalho de iniciação musical com audição conjugada à expressão), e posteriormente, abstrato (formadas de linhas, pontos, formas, nuances de cores);
 - c) Verbalmente - através da narração oral, como complemento das duas formas anteriores, pois verbalizando o que sentiu ou imaginou a criança aprenderá a identificar a(s) qualidade(s) sonora(s) e rítmica(s) do trecho musical que sugeriu aquele personagem que ela imaginou, e, progressivamente, irá tomando consciência dos aspectos musicais presentes na mensagem sonora que está ouvindo.

CAPÍTULO IV

4.0 CONCEITUANDO LETRAMENTO

A língua é um sistema que se estrutura no uso e para o uso, escrito e falado, sempre contextualizado. No entanto, segundo RIBEIRO (1999), a condição básica para o uso escrito da língua que é a apropriação do sistema alfabético, envolve da parte dos alunos, aprendizados muito específicos, independentes do contexto de uso, relativos aos componentes do sistema fonológico da língua e às suas inter-relações. Nesse sentido se dá a idéia de que o domínio e o uso da língua escrita trazem conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Pensando nisso, pode-se afirmar que letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como para o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente; a cultura escrita.

Então a sala de aula passa a ser a base que colocará o aluno em contato com o uso social da escrita em caráter de aplicação no seu dia a dia. Assim letramento se define como o domínio do sistema de escrita quanto aos usos da língua escrita em práticas sociais.

Entende-se **letramento** como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade(placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc, e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita...(PRÓ-LETRAMENTO, 2007-p.12).

Assim, é necessário que a criança esteja envolvida o tempo todo com estímulos que direcionem o seu aprendizado para situações práticas. Fato este que se processará com base em suas vivências, pois o processo de letramento está presente em toda a nossa vida e nos acompanhará ao longo dela. Provocando em nós uma dinâmica real e prazerosa na construção do conhecimento; se este está diretamente ligado ao fazer pedagógico.

4.1 ALFABETIZANDO COM MÚSICA: UM RECURSO PARA O LETRAMENTO

[...] Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende a reduzir a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações e que age sobre o real para fazê-lo seu. (FERREIRO, 2001, p. 40-41).

Quando se oferece texto a crianças que ainda não estão alfabetizadas pode parecer incoerente. Mas quando o conteúdo destes textos são músicas, é possível se chegar a incrível magia de fazer a criança ler sem saber ler. Pode-se, portanto, segundo PONTES (2008), aplicar metodologicamente estes textos, após a criança ter cantado várias vezes e memorizado a letra da música; em seguida, oferece-se o texto e pede-se que ela acompanha a música seguindo com o dedinho palavra por palavra. Seguramente ela descobrirá de que palavra se trata e por inferência lerá todo texto. Com a frequência desta metodologia essa criança acabará lendo de verdade, pois, aos poucos sairá da leitura por inferência a decodificação dos sinais gráficos e da decodificação para a significação.

Canções,... São úteis para se chegar à incrível magia de fazer a criança ler sem saber ler. Quando ela decora uma cantiga, pode acompanhar com o dedinho as letras que formam as estrofes. (REZENDE E BRITO, 2003, p. 29).

4.2 A MÚSICA COMO RECURSO À COMPREENSÃO DE TEXTOS

Nesta metodologia, segundo PONTES (2008), se propõe que seja organizada uma seleção de músicas e estas poderão ser gravadas para que os alunos as ouçam, e cantem juntos. Esse procedimento deverá ser feito várias vezes até que estes internalizem a melodia, ritmo e se possível à letra. Em outro momento, coloca-se a música e pede-se fazer perguntas a respeito de situações contidas no texto, ou até ações propostas pelo texto da música. Por exemplo: *"A barata diz que tem sete saias de filó. É mentira da barata, ela tem é uma só". (Cantiga Popular do Folclore Brasileiro)*

Pergunta-se:

- 1 - Quantas saias têm a barata?
- 2 - Por que será que ela diz que tem 7, quando na verdade tem só uma?
- 3 - De que material é feito a saia da barata?
- 4 - Na realidade, a barata pode dizer que usa saia? Por quê?

E outras perguntas que se podem fazer para a compreensão deste ou de outros textos do gênero.

Aproveita-se o próprio texto desse gênero para uma proposta interdisciplinar, isto é, podem-se trabalhar concomitantemente disciplinas como: Matemática, Ciências, Arte, Educação Física e Língua Portuguesa.

Propõe-se também a coletânea de músicas de Vinicius de Moraes do Álbum A Arca de Noé.

São textos de fácil acesso e úteis para se trabalhar a compreensão ou interpretação dos mesmos. Pelo uso da palavra que ao ser trabalhada vai ganhando significado à medida que vai produzindo sentido através do texto musical. A criança canta, ao passo que lê e este ato produz ligações internas que vão resultando na assimilação do conhecimento prático, porque a palavra é viva.

De acordo com ASSUNÇÃO (1994), a palavra é um instrumento interativo de expressão de um em relação ao outro, está presente em toda relação humana. Todo signo não verbal banha-se no discurso acompanhado pela palavra. A língua penetra na vida através de enunciado concreto, a palavra não é coisa abstrata, mas mediação, elemento móvel na dinâmica da interação verbal que caracteriza em signo na anunciação concreta de significação.

Trabalhar interpretação textual é antes de tudo, segundo BEINEKE (2003), abrir vários horizontes que poderão ser desenvolvidos na sala de aula. Basta ter objetivos claros e bem definidos na articulação das palavras que se entrelaçam fornecendo das propostas pedagógicas utilizadas para a alfabetização no tocante ao uso da música.

CAPÍTULO V

5.0 OBSERVAÇÃO PRÁTICA:

a implantação de um processo contínuo de interação entre a alfabetização e a educação musical, nos quatro primeiros anos do ensino fundamental. Esse processo terá sua culminância no quinto ano escolar, quando os estudantes poderão se aprofundar em seus conhecimentos e práticas musicais (PROJETO,1997, p.31).

5.1 QUANTO AO PROCEDIMENTO.

Foi proposto que se utilizasse a música como recurso auxiliar a alfabetização dos alunos.

Como se tratava de uma classe composta por alunos indígenas e não indígenas, os textos oferecidos eram ora em Português ora em Rikbaktsa.

Elaboraram-se textos de músicas que foram oferecidos às crianças e estas também puderam escutar através do CD ou ler por meio de cartaz.

As crianças reagiram bem, gostaram e cantaram com bastante entusiasmo; foram oferecidos textos das músicas com o propósito que eles destacassem com lápis de cor as palavras que a professora antes pré-selecionou.

Para cada texto oferecido, estabeleceu-se um objetivo a ser trabalhado com os alunos.

Exemplo: A professora percebeu que os alunos tinham dificuldades com **X** e **CH** (ortografia). Logo, trabalhou o texto da música "cai chuvinha".

Usou os textos das músicas de Vinicius de Moraes para trabalhar compreensão ou interpretação quando verificou que algumas crianças tinham dificuldades para compreender os textos lidos.

Usou vários textos de músicas infantis para trabalhar a leitura e escrita dos alunos; com os seguintes procedimentos.

Leitura (descobrimo palavras).

Escrita de memória lançando mão do que sabe para descobrir o que não sabe.

Apresentou músicas para as crianças por meio de gravações. Por meio do canto e da expressão corporal as crianças procuravam interpretar as letras das canções.

Os textos das músicas foram apresentados em papéis mimeografados ou em cartazes bastante coloridos e ilustrados.

O ritmo era observado e sentido através da palmas, estalar de dedos, assobios e batidas na mesa ou dos pés.

Algumas músicas foram registradas no caderno dos alunos. Estes registros foram feitos por eles e de memória.

5.2 IMPRESSÕES:

1 - Muitos alunos que eram inseguros nos registros, com as músicas, realizaram registros com mais segurança.

2 - Houve aceleração na sistematização da leitura e escrita.

3 - As crianças ficaram mais interessadas para fazerem as atividades propostas.

4 - As aulas são mais alegres, mais atraentes e os alunos gostam do que estão fazendo.

5 - O tempo em sala de aula é prazeroso como brincadeira de criança e os alunos sempre querem mais.

6 – O aprendizado é mais efetivo, apreensão de conteúdos é patente, pois o aluno faz uso do que já sabe, para descobrir o que não sabe.

7 – Há interação constante aluno/aluno, aluno/conhecimento, aluno/classe, aluno/professor, classe/professor e classe/conhecimento.

5.3 RECURSOS MULTIMEIOS E DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS UTILIZADOS “IN LOCO”

- Quadro Branco, tintas e pinceis;

- Papel sulfite, cartolinas, papel off-set, papel cartão e papel manilha;
- Lápis de cor, giz de cera, canetinhas e outros;
- Bloco clip-art e suporte;
- Aparelho de som para CDs;
- Caixa de som e microfone;
- Computador e impressora;
- Aparelho para DVD e televisão;
- Jogos de quebra – cabeças de madeira e emborrachados; Pega-Varetas; memória,
- Livros de literatura infantil, gibis, livro didático, jornais e revistas;
- Murais de temas variados.
- Bolas (vôlei e futebol)
- Corda.

Neste contexto, buscou-se despertar no aluno o gosto pela leitura e pela escrita. Utilizando por meio da linguagem musical, a transformação de aspectos cognitivos, na intenção de que as crianças passassem a ter controle sobre o que falam, ampliando o vocabulário e modificando a condição linguística de cada uma à medida que iam realizando as atividades propostas.

Para isso, os recursos multimeios-didáticos usados na operacionalização dos textos foram significativos, pois permitiram uma metodologia atraente, a qual proporcionou o envolvimento voluntário das crianças ao passo, que iam entrando em contato com os mais variados tipos de atividades voltados para a alfabetização e o letramento por meio da música.

Os efeitos obtidos são evidências da compreensão dos alunos, cujo desempenho, aponta para eficácia do processo, que não ficou só no campo do discurso, mas produziram resultados práticos nos aprendizados.

A escola oferece a transição de um contexto exclusivamente tradicional para outro influenciado pela cultura, com outros códigos e possibilidades de relação, a

qual a música surge como porta de entrada para novas competências e estratégias próprias das vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi válido o processo utilizado. Realmente a música é um recurso valioso que contribui muito para alfabetização e para a interpretação de textos.

Pode-se afirmar que nesse sentido, a música é um excelente instrumento estimulador para o desenvolvimento cognitivo, para despertar a criatividade, para trabalhar a afetividade e o emocional da criança. A mesma tende a acelerar o processo da leitura e escrita dos alunos que estão sendo alfabetizados.

Ao longo da observação, percebeu-se ainda que a música também influencia na aceleração dos níveis de conhecimento que a criança passa durante o processo de alfabetização.

Crianças que estavam em níveis pré-silábico, silábico, silábico alfabético ou ainda pré-alfabético, passaram para o seguinte num avanço significativo, denotando conhecimento consistente. Demonstrando desenvolvimento na sistematização dos processos de leitura e escrita.

A escrita agora dessas crianças sai da esfera da cópia para a produção autônoma. Da mesma forma que a leitura se estrutura com ritmo, fluência, entonação e segurança. Elas identificam os sinais de pontuação e lhes atribuem o sentido próprio de acordo com a disposição textual. O processo da leitura flui de forma natural e efetiva.

O desafio que se coloca para os primeiros anos da Educação Fundamental é que os alunos consigam ser alfabetizados/letrados, apropriando-se do sistema alfabético- ortográfico e que tenham condições reais do uso da língua em suas práticas sociais.

A sala de aula deve ser um ambiente que possibilite a apropriação de capacidades necessárias para o uso da escrita de forma a garantir o desenvolvimento de concepções adequadas às vivências de experiências culturais ricas e importantes à integração social e o exercício da cidadania.

Com base no conhecimento adquirido através de leituras e pesquisas realizadas, a música é um recurso que propicia, promove e mantém o desenvolvimento individual de cada aluno sendo utilizada diretamente no processo

ensino-aprendizagem. É possível a implantação de uma proposta pedagógica a fim de relacionar a teoria com a prática, ou seja, trazer para dentro da sala de aula, a vivência de várias culturas através da música, onde se processa conhecimentos diferentes e se coloca a criança em contato com novos aprendizados; enriquecidos e estimulados pela música como também, esta pode servir de um meio consistente para se obter entendimento de sua cultura, sua história e seu significado como sujeito na sociedade de origem que se encontra atuando.

É importante salientar que para a realização de atividades musicais com os alunos, deve-se primeiramente utilizar-se de materiais propícios, conhecidos dos alunos e que estas sejam trabalhadas pedagogicamente, seguindo uma sequência didática, composta de vários textos musicais dentro de atividades que tenham objetivos específicos bem definidos. Dessa forma o trabalho pode ser dirigido pela professora, a qual através da música escolhida explica para os alunos quais as competências que serão trabalhadas, objetivando construir novos saberes e ao mesmo tempo garantir a alfabetização e o letramento do aluno a medida que cada um acompanha as músicas e faz uso desta nos sistemas de leitura e escrita, apontados na proposta didática.

Assim, entende-se que a ação pedagógica mais adequada é aquela que assegure aprendizado significativo, capaz de garantir simultaneamente a alfabetização e o letramento do aluno, articulando o desenvolvimento de competências e habilidades com a aquisição do conteúdo que lhe proporcionará o uso efetivo dos conhecimentos adquiridos em suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABM, Associação brasileira da música. A importância da música para as crianças., 2002.

ASSUNÇÃO, Maria Tereza de. **VYGOTSKY e BAKHTIN. Psicologia e educação: um inter-texto**, São Paulo: Ática, 1994.

BEBER, Marielli Costa **A música como fator de sensibilização na educação infantil**. Panambi: Escola de Talentos, 2009.

BECKER, Rosane N. **Musicalização da descoberta**. À consciência rítmica e sonora. 2. ed. Ijuí: UNIJUI, 1989.

BEINEKE, Viviane. **A composição em sala de aula: como ouvir as músicas que as crianças fazem?** In: HENTSCHEKE, Liane; SOUZA, Jusamara (org). **avaliação em música: reflexões e práticas**. São Paulo: Moderna, 2003, p. 91-105.

BENNETT, Roy. **Elementos básicos da música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte, a criança e a música**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Infantil, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna - Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAUDURO, Vera Regina Pilla. **Implicações pedagógicas na apreensão e compreensão de estruturas rítmicas e melódicas**. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 1, 1992, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ABEM, 1992. p. 28-40.

CESCA, Maria Inêz Salvador. **Visão histórica do ensino – aprendizagem da lecto escrita**. 2003. Disponível em <
<http://members.tripod.com/pedagogia/lectoescrita.htm>>. Acesso em out. 2011.

CHAGAS, Genésio. **Mostrando os caminhos do saber aprender**. Simão Dias: Fortuna, 2009.

CUNHA, Suzana R. V. da (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

FRANCHI, Eglê. **E as crianças eram difíceis...: a redação na escola**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Wladia da Costa. **Do corpo para a flauta doce**: contribuições da psicomotricidade no processo de musicalização: Universidade Candido Mendes – Pós – Graduação “Lato Sensu” – Projeto A Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2003.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

GALVÃO, Izabel & WALLON Henri. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUTIER, Ana Lúcia Zambão & MARTINS, Márcia. **A criança, a música e a alfabetização**. Curitiba: Juruá, 2003.

MAGANHA, M. R. **A importância da música na escola**. 2005. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/agudos/mestreonline/01.php>>. Acesso: 09 set. 2008.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. São João da Boa Vista: Nórdica, 1987

PFÜTZENRENTNER, Patrícia do Amaral. Experiências musicais: aprendizagem de canções ajuda a desenvolver o processo criativo. **Revista do Professor**, Porto Alegre, ano 15, Número 59, p. 5-7, jul./set. 1999.

PONTES, Érica Gomes. Ao som da música: múltiplas são as possibilidades de aprendizagem no espaço escolar. **Revista do Professor**, Porto Alegre, ano 24, Número 95, p. 5-7 jul./set. 2008.

PRÓ-LETRAMENTO: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2007.

PROJETO música na escola. Proposta de prestação de serviços. Belo Horizonte, fev. 1997.

RESENDE, Tânia Campos & BRITO, Fracasso e sucesso escolar: os dois lados da moeda. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p:24-25, mar. 2003.

REVISTA Almanaque de Cultura Popular, São Paulo, nº 38, p:13-15, maio, 2002.

REVISTA de Antropologia, vol.44, no.1, São Paulo, 2001. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000100007>. Acesso em 12 out. 2010.

REVISTA Brasileira de Letras. Vol 1 nº1- p. 45-47, 1999.

REVISTA-CEFAC, São Paulo, v.6, n.3, 237-41, jul-set, 2004.

REVISTA Nova Escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/teste-hipoteses-de-escrita-dos-alunos.shtml>. Acesso em 04 set. 2011

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. **Proposta didática de alfabetização**. São Paulo: Editora Didática Paulista, 1999.

SALES, Vânia Francisco de. **Violão e canto**: Dó menor. Apostila de Canto – Venha desenvolver sua sensibilidade musical. Juína, 2008.

SANTOS, Adriana Soares Lourenço dos. Monografia.com ©. 1997. **Monografias.comS.A.** Disponível em: URL:<http://br.monografias.com/trabalhos2/terapiascomplementares/terapiascomplementares2.shtml>>. Acesso em 12 out. 2010

SILVA, Carina da Conceição Sousa da. **A literacia da informação**. Vila do Conde: Editora Fundação Peirópolis, 2007.

SILVA, J.A.G. do. **Aprendizagem por meio da ludicidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005, p. 22-72.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Fabiana Ribeiro Castro de. **As artes envolvendo o lúdico e a afetividade**. Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de formação de Professores em exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZAGONEL, Bernadete. **Do gesto ao musical**: uma nova pedagogia. Anais do I Encontro Latino americano de Educação Musical/ VI Encontro Anual da ABEM, Salvador, 1997.